

AValiação DA APRENDIZAGEM EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rogério Cruz de Oliveira

E.E. Andre Ohl – REE/SP

Faculdade de Educação Física/UNICAMP

Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura – GEPEFIC/UNICAMP

Resumo

O presente estudo tem como objetivo discutir a avaliação em educação física escolar e o seu enlace com a aprendizagem do educando. A pesquisa é de caráter qualitativa, valendo-se da revisão de literatura e de registros sistemáticos de minha prática pedagógica no que se refere à avaliação. Proponho, neste trabalho, alguns elementos que contribuam com a discussão da avaliação em educação física no que diz respeito à aprendizagem, entendendo a necessidade da mesma considerar os objetivos mais amplos do processo pedagógico, bem como se estruturar a partir de critérios e instrumentos avaliativos que permitam contribuir com a formação do educando.

Palavras-chave: avaliação, educação física, trabalho pedagógico.

Introdução

Nas palavras de Hadji (1994) apud Bertagna (2003), a avaliação é um juízo através do qual nos pronunciamos sobre uma dada realidade, ao articularmos uma certa idéia ou representação daquilo que deveria ser, e um conjunto de dados fatuais respeitantes a esta realidade. Ressaltando que, tais dados, sempre devem estar atrelados a aprendizagem. A avaliação que não contribui para a aprendizagem escolar não tem sentido em sua prática (SACRISTÁN, 1998).

Desse modo, é que este trabalho tem o objetivo de discutir a avaliação em educação física escolar (EFE) e seu enlace com a aprendizagem do educando. Sendo a educação física (EF) um componente curricular¹ da educação básica, a mesma deve comprometer-se com a formação do aluno, devendo, para isso, estruturar práticas avaliativas que contribuam para a aprendizagem do mesmo.

Para tal fim, este trabalho é desenhado a partir da pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (1994), responde a questões muito particulares, se preocupando com um nível de realidade que não pode ser quantificado. O estudo foi desenvolvido a partir de revisão da literatura no que se refere a temática da avaliação, bem como de registros sistemáticos de 2 (dois) anos de docência na Rede Estadual de Educação de São Paulo como professor de EF de uma unidade escolar de ciclo I (1ª a 4ª série).

A avaliação na EF: caminhos de uma proposta

A EF como disciplina pedagógica deve se comprometer com um processo avaliativo que caminhe na direção da aprendizagem, buscando superar o quadro de certos reducionismos históricos que, segundo o Coletivo de Autores (1992) se concretiza

[...] pela consideração da 'presença' em aula [...] ou, então, reduzindo-se a medidas de ordem biométrica: peso, altura, etc., bem como de técnicas: execução de gestos técnicos, 'destrezas motoras', 'qualidades físicas', ou, simplesmente, não é realizada (p.99).

¹ Segundo Souza Júnior (2001, p.83), um componente curricular é, “[...] no sentido de matérias de ensino, não apenas um constituinte do rol de disciplinas escolares, mas um elemento da organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura e que, aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno”.

Assim, postulamos uma concepção de prática avaliativa que busque superar esse quadro, sendo relevante para o presente trabalho os apontamentos de Freitas (1995). O mesmo entende que a avaliação² é

[...] um momento real, concreto e, com seus resultados, permite que o aluno se confronte com o momento final idealizado, antes, pelos objetivos. A avaliação incorpora os objetivos, aponta uma direção. Os objetivos, sem alguma forma de avaliação, permaneceriam sem nenhum correlato prático que permitisse verificar o estado concreto da objetivação (p.95).

A proposta avaliativa que tenho desenvolvido no contexto escolar de uma escola de ciclo I da REE/SP parte desse pressuposto: de que os objetivos³ necessitam ser constantemente revisitados para que haja coerência nos processos avaliativos.

A partir do exposto, passo a detalhar os pressupostos que norteiam a prática avaliativa desenvolvida por mim numa escola de ciclo I da REE/SP. No entanto, esse movimento não busca elucidar soluções e/ou receitas de como se avalia ou como os professores de EF deveriam avaliar, mas sim na direção do compartilhar os frutos de uma experiência que tem sido objeto de minhas reflexões há 2 (dois) anos como professor na rede de educação citada acima.

Entendo que qualquer prática avaliativa deve pensar em dois itens: critérios e instrumentos. Assim, elucidado nas próximas linhas os critérios e instrumentos de avaliação em EF assumidos em minha prática pedagógica como professor.

Crítérios (O que eu, professor, “verei” no meu aluno?)

- participação/envolvimento: desejo de aprender; envolver-se com a aula;
- cooperação/alteridade: atitudes de solidariedade e respeito, não no sentido da tolerância, mas na consideração do OUTRO como agente educador;
- apreensão de conhecimentos: aumento qualitativo da diversidade e complexidade do conhecimento da cultura corporal;
- disponibilidade corporal: disponibilizar-se para a vivência com seu corpo;
- criticidade: capacidade de questionar, de propor.

Os critérios aqui listados possuem desdobramentos mais complexos que, devido a limitação do texto, não serão discutidos.

Instrumentos (Como eu farei isso?)

- registros sistemáticos: feitos pelo professor e alunos – caderno, semanários, portfólio;
- atividades de pesquisa (na escola e fora dela);
- trabalhos em grupo: coreografias e/ou apresentações, proposição de atividades (alunos como co-autores das aulas);
- festivais da cultura corporal: esportes (futebol, vôlei, basquete, handebol, modalidades alternativas – exemplo: taco), jogos e brincadeiras, dança, ginástica, lutas, etc.. A idéia de festivais ao invés de torneios e/ou competições é que a primeira fundamenta-se na participação de todos, independente de limitações e afinidades, trata-se de uma construção conjunta entre professor e alunos que surtido frutos interessantes⁴;

² Segundo Freitas (1995), existem dois pares dialéticos na didática, a saber: objetivos x avaliação, conteúdo x metodologia.

³ Além da consideração dos objetivos, o processo de avaliação prima, também, pelos seguintes aspectos: qualitativo: preocupação com o processo; dinâmico: utiliza vários instrumentos; diagnóstico: identificar os avanços, as potencialidades e dificuldades; formativo: preocupada com a formação integral do aluno e não com sua performance e; informativo: informa ao professor que “pontos” devem ser atacados no processo pedagógico.

⁴ Um deles foi a decisão coletiva de uma turma de 3ª série, neste ano de 2008, de se realizar um Festival de Brincadeiras em conjunto com a 1ª série, o que eu, professor, tinha anteriormente descartado.

- avaliação dissertativa individual: as famosas provas – questões que versam sobre o conhecimento trabalhado;
- auto-avaliação: Se eu fosse me dar uma nota que nota eu daria? Justifique. (Essa é a pergunta feita para os alunos que respondem de forma escrita ou oral);
- avaliação do professor: Como foi o professor neste bimestre? Após essa pergunta, respondida de forma escrita e entregue para mim sem precisar assinar o nome eu faço a minha auto-avaliação, de forma oral.

Considerações finais

O debate atual acerca da EFE nos coloca na condição de que temos algo a ensinar que contribui para a formação dos seres humanos. Dessa forma, é necessário que esse aporte de conhecimentos seja balizado por um processo avaliativo que consiga dimensionar a aprendizagem do aluno, caso contrário, a EF corre o risco de (re)cair em reducionismos, como já exposto anteriormente.

Assim, faz-se desejável que a prática pedagógica de EF estruture práticas avaliativas que busquem considerar os objetivos pedagógicos propostos, bem como forneça ao professor informações que o permitam ressignificar, constantemente, sua atividade docente.

Por fim, pensar em avaliação na EF é pensar em pressupostos que vislumbrem melhor formar nosso aluno, a fim de que esse possa tanto acessar o saber sistematizado da cultura corporal quanto ter ampliada as possibilidades de apreensão da mesma. Não devendo a avaliação ser punitiva ou classificatória, mas sim, o principal recurso de informação da prática pedagógica e de formação do aluno.

Referências bibliográficas

- BERTAGNA, R. O formal e o informal em avaliação. In: FREITAS, L.C. de (org.). **Avaliação: construindo o campo e a crítica**. Florianópolis: Insular, 2002. pp.231-255.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREITAS, L. C. de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papyrus, 1995.
- MINAYO, M. C. de S (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOUZA JÚNIOR, M. **O saber e o fazer pedagógicos: a educação física como componente curricular...? ...isso é história!** Pernambuco: Edupe, 1999.

INDICAÇÃO DE APRESENTAÇÃO: 1 - MESA REDONDA

2- RELATO DE EXPERIÊNCIA

RECURSO PARA APRESENTAÇÃO: DATASHOW